

## Em família com a Internet?

### Acessos e usos das mídias digitais em famílias portuguesas

### In family life with Internet?

### Access and uses of digital media into Portuguese family lives

Cristina Ponte<sup>1</sup>

cristina.ponte@fcsb.unl.pt

#### Resumo

A penetração da Internet nos lares portugueses nos últimos anos foi incentivada por políticas públicas que favoreceram a posse de portáteis por crianças, adolescentes e jovens. Para muitas famílias com menores recursos, o primeiro computador entrou nas casas carregado de valor educacional e destinado a ser usado pelos mais novos. A partir de uma investigação junto a essas famílias, este artigo foca lares com acesso à Internet, manejada com destreza técnica por adolescentes e jovens, e olha para os seus pais e mães, percebendo de que modo esses usufruem desses recursos tecnológicos. Que percepções e que atitudes têm sobre esses meios? Como a Internet afetou as práticas de consumo das mídias no lar? Qual é a importância de variáveis como a ocupação profissional ou o gênero? Essas questões serão respondidas, a partir da inserção dos indivíduos no seu contexto de vida e nas condições estruturais do país onde nasceram, cresceram e se tornaram adultos.

**Palavras-chave:** Internet; Mídia e Famílias; Gerações; Educação

#### Abstract

In recent years, the introduction of Internet into Portuguese homes has been stimulated by public policies which have favored the children, adolescents and young people having laptops. To lots of lower resource families, the first computer have gotten into the houses surrounded by educational values and aimed to be used by the youngest members. From an investigation carried out with these families, this paper focuses homes that have Internet access, used with technical dexterity by adolescents and young people. It also observes their fathers and mothers to analyze the way they enjoy these technological features. What perceptions and which attitudes they have about these media? How has Internet affected the media consumer practices at home? What's the importance of the variables like professional life or gender? These questions will be answered, from the insertion of the individuals both into their life context and structural conditions of the country where they were born, grown up and became adults.

**Keywords:** Internet; Media and Families; Generations; Education

#### Introdução

---

<sup>1</sup> Doutorada em Ciências da Comunicação, com Livre Docência em Estudos dos Media e do Jornalismo, professora da FCSH - Universidade Nova de Lisboa

Este artigo apresenta lares com acesso à Internet, onde os filhos manejam com facilidade as tecnologias digitais e onde nem todos os pais e mães usufruem desses meios, para identificar semelhanças e diferenças nas suas práticas com a tecnologia. Fazemo-lo a partir de relatos individuais e levando em consideração as condições estruturais que marcaram a infância, juventude e idade adulta.

Esta pesquisa insere-se nos estudos de audiência que tomam as gerações e as famílias como unidades de análise. Pretende-se saber aquilo que as pessoas em diferentes posições sociais, logo com diferentes recursos e atributos, fazem com as mídias (HALLORAN, 1998). Na Europa, a atenção ao espaço doméstico na pesquisa sobre as mídias tem crescido, desde os anos 1980. Esses anos foram marcados pela explosão de recursos tecnológicos nos lares (controle remoto, filmadoras caseiras, vídeo cassetes, computadores pessoais, *videogames*, celulares...). Nos estudos culturais britânicos, destacamos as contribuições de pesquisadores como Silverstone (1992), sobre consumo doméstico e economia moral das famílias, e os trabalhos de Livingstone (2008; 2009), sobre a relação de crianças com a Internet, interrogando também os seus pais. As razões que levam à aquisição dos bens tecnológicos para a casa (quem toma a iniciativa? Para que fim?), como são colocados no lar, tanto nos espaços que ocupam (na sala ou nos quartos?) como na influência que exercem sobre o tempo da família (da hora das refeições aos momentos de lazer), ou como deles se fala são dimensões informadas por um conjunto de cognições, avaliações e estéticas, marcadas por histórias, biografias e políticas da família e dos seus membros.

Metodologias qualitativas são as que mais captam a riqueza dessas dinâmicas. O acompanhamento de famílias ao longo de um período de tempo, com entrevistas (individuais e em grupo) combinadas com outros registros da vida familiar tem possibilitado interessantes análises da diversidade de economias morais, como encontramos nos estudos em lares norte-americanos (entre outros, HOOVER; CLARK *et al.*, 2004), ou na recente investigação sobre relações entre membros da família em contexto de emigração (MADIANOU; MILLER, 2012).

Considerando as famílias como sistemas abertos, pelos quais circulam 'bens' econômicos, sociais e psicológicos, Bertaux e Thompson (1993) têm explorado instrumentos qualitativos e quantitativos, como as entrevistas semiestruturadas com elementos de diferentes gerações e o genograma da família com informação visual sobre a sua trajetória socioeconômica e os padrões complexos da vida familiar. Recentemente, essa perspectiva genealógica gerou interessantes interseções entre a família, as mídias e a globalização, nos trabalhos de Rantanen (2005), que triangula dinâmicas, ao articular quatro gerações de famílias em pontos diferentes do globo, incluindo a própria família.

Entrevistas sobre histórias de vida têm sido usadas na pesquisa sobre inclusão digital na Universidade do Texas, Estados Unidos, com foco em grupos sociais desfavorecidos, como imigrantes e minorias étnicas. Para essa pesquisa, que é realizada nas zonas pobres da cidade de Austin, têm sido mobilizados conceitos da sociologia de Pierre Bourdieu, adaptados ao campo digital: "disposições tecnológicas, capital tecnológico e campo tecnológico" (ROJAS *et al.*, 2011).

As "disposições tecnológicas" de um indivíduo variam não só com o seu 'conhecimento' de tecnologias, mas também com o 'reconhecimento' do papel das tecnologias na sua vida, como as percebe e avalia em relação as suas condições de existência. Para essas disposições, contribuem fatores de ordem individual, familiar e societal: 'práticas sociais', marcadas pela história individual e familiar quanto ao acesso e uso de tecnologias, em especial a Internet, ou pelos padrões de consumo das mídias; 'percepções e atitudes', pensamentos e avaliações das novas tecnologias como componentes (ou não) da vida da pessoa, da sua família e da comunidade; 'educação/instrução', formal ou não formal (autoaprendizagem, aprendizagem com pares); 'consciência tecnológica', como a comunidade expressa o valor potencial das TIC, por exemplo, para a mobilidade econômica ou como meio auxiliar de estudos; 'desejo de informação', relevância dos vários tipos de informação e usos das tecnologias na vida cotidiana; 'disposições individuais' face às tecnologias afetadas pelas exigências profissionais; 'interações sociais', o modo como a comunidade proporciona (ou não) um ambiente encorajador para o uso das

TIC; 'localização geográfica', infraestrutura e recursos básicos que podem favorecer ou não as ações com a tecnologia.

Por sua vez, o 'capital tecnológico' é uma forma específica de capital cultural, que envolve conhecimentos adquiridos, capacidades e disposições para usar as novas tecnologias de informação. É marcado pelo capital linguístico e escolar e também pelo capital social, as redes próximas de socialização, da família a colegas e amigos.

Essas dinâmicas ativam-se no 'campo tecnológico', um campo social específico e estruturado por relações de força entre agentes e entre instituições envolvidos na distribuição de capitais tecnológicos. Uma ilustração dessas dinâmicas é dada por esses investigadores: a acumulação de capital cultural sobre computadores (por exemplo, a frequência de um curso sobre TIC) pode contribuir para o aumento do capital tecnológico de um indivíduo, o que pode, por sua vez, afetar a sua disposição técnica para usar a tecnologia. Contudo, se o seu capital social e o seu capital cultural não reconhecerem a relevância social da tecnologia digital, a sua disposição técnica pode não ser suficiente para aproximá-lo do uso dessa tecnologia.

Nas condições atuais de explosão de meios digitais acessíveis, Madianou e Miller (2012) destacam estarmos perante um ambiente de mídias inovador, que designam de *polimedia*, em que os usos de uma gama diversificada de meios se fazem de modo articulado e para diferentes fins, de acordo as situações. Essa situação pressupõe a posse de uma gama de meios diversificados (cerca de meia dúzia, pelo menos), uma capacidade midiática que permite acessar, analisar, avaliar e criar mensagens numa diversidade de formas (LIVINGSTONE, 2004) e condições favoráveis de infraestrutura. Um conceito central nessa teoria é o de *affordance* (HUTCHBY, 2001), ou seja, a consideração aos benefícios específicos de cada meio. Características como interatividade, temporalidade, armazenamento, pesquisa, reprodução, durabilidade, privacidade, exposição ou mobilidade são parâmetros que distinguem os meios de comunicação e que permitem combinações dos seus usos para diferentes fins.

Como podemos ver, o acesso aos meios não é por si só suficiente para superar a exclusão digital e social; também são importantes a qualidade e a

eficiência do uso das tecnologias disponíveis, nas quais intervêm parâmetros econômicos, sociais, culturais e educacionais, além das próprias características psicológicas dos indivíduos na sua relação com a tecnologia (SELWYN, 2003; WARSCHAUSER, 2003; DIJK, 2005).

Para essa interseção entre biografias individuais e mundos sociais deve-se também considerar que as condições sociais de existência – como a idade, o gênero, a posição na família, o estatuto socioeconômico, a etnia, a nacionalidade, o local ou o tempo histórico vivido – marcam os processos de construção identitária. Como destacam Hockey e James (2003), esse processo é afetado pelas condições que giram em torno da afirmação da consciência individual, como “se olha para si pelo modo como se é olhado pelos outros”, e pelos discursos da diferença, “eu sou o que sou por aquilo que não sou”. Isso porque, nas sociedades de consumo, as políticas de identidade são marcadas pela posse (“eu sou aquilo que sou, por aquilo que tenho ou não tenho”), essas perspectivas são importantes para perceber de que modo os sujeitos se veem a si mesmos na sua relação com os outros (como os membros da sua família) e com os recursos a sua volta.

Os cursos de vida são claramente marcados por pontos de mudança que emergem da interação entre a biografia individual e o mundo social, que podem ser de três tipos: de ‘grande escala’, marcando irrevogavelmente o sentido de identidade pessoal e social; por ‘cumulação’, que ocorre de modo gradual; e de ‘pequena escala’, insignificantes em si mesmos, mas com um significado simbólico e impacto no curso da vida de cada um (DENZIN, 1989, p.53). Espaço e tempo são, assim, coordenadas fundamentais na atenção às identidades sociais no curso de vida: é necessário aprofundar as inter-relações entre o ‘tempo da família’, o ‘tempo individual’ e o ‘tempo histórico’, para compreender historicamente as mudanças que têm ocorrido na família, o que exige um foco “nas idades e nas comparações de grupos [de idade] de maneira a ligar o desenvolvimento individual e familiar a acontecimentos históricos” (HAREVEN, 2000, p.87).

Relacionado com grupos de idade, o conceito de geração (MANNHEIM, 1927) sublinha a influência dos “anos de formação” e acentua que a forma da transmissão geracional depende do ritmo e da intensidade da mudança social.

Nas sociedades nas quais a mudança social se faz a um ritmo lento, jovens reconhecem-se nos mais velhos, podendo mesmo adotar os seus valores; em sociedades de ritmo acelerado de mudança, os mais velhos são mais receptivos aos jovens. Os anos de formação têm sido antecipados para os tempos da infância e da adolescência, e as pesquisas destacam um sentimento de pertencimento geracional, que se expressa por uma mesma semântica na evocação e interpretação dessa experiência (CORSTEN, 2003; AROLDI, 2011), em que as condições estruturais, os recursos e a história pessoal se interligam na expressão “no meu tempo”. As mídias fazem (também) parte dessa experiência, e as pesquisas comparadas internacionais permitem averiguar como as gerações nem sempre coincidem com os grupos de idade (AROLDI; PONTE, 2012).

Vários desses conceitos enquadraram a pesquisa comparada no âmbito do programa UTAustin|Portugal, que reuniu a Universidade do Texas e universidades portuguesas. O projeto *Inclusão e Participação Digital*<sup>2</sup>, financiado por esse programa, permitiu uma estreita colaboração entre uma equipe de investigadores portugueses e a equipe liderada por J. Straubhaar (PONTE; AZEVEDO, 2011), tendo como objetivo conhecer e contextualizar as condições e tendências de acesso e de apropriação, por parte dos que utilizam e dos que não utilizam os meios digitais, com foco nos grupos digitalmente excluídos. É com uma breve apresentação do contexto português que prosseguimos.

### **Portugal, 1960-2010: uma “modernidade inacabada”**

Ao contrário da visão imobilista sobre a sociedade portuguesa durante a ditadura de 48 anos, houve, a partir dos finais da década de 1950, “um dos mais profundos processos de mudança estrutural da sua história, não obstante poderosos fatores sociais e políticos de resistência, que subsistiam, condicionando negativamente o ritmo e o alcance das transformações modernizadoras” (ROSAS, 1994, p.419).

---

<sup>2</sup> Projeto *Inclusão e participação digital. Comparação de trajetórias de uso de meios digitais por diferentes grupos sociais em Portugal e nos Estados Unidos (2009-2011)*, coordenado por Cristina Ponte (FCSH-UNL), José Azevedo (FL-UP) e Joseph Straubhaar (UT Austin). Histórico e produções científicas disponíveis em <[http://digital\\_inclusion.up.pt](http://digital_inclusion.up.pt)> (em português e inglês).

Se permaneceram um regime ditatorial, elevados níveis de natalidade, de analfabetismo e de pobreza, houve, na década de 1960, sinais de mudança: crescimento urbano, melhoria de condições de saúde perinatal, crescimento econômico com industrialização e arrancada do turismo, universalização da escolaridade obrigatória e duplicação de estudantes no ensino superior. Essa década foi marcada por uma guerra colonial em três frentes, que se prolongou por 13 anos, até 1974, e pelo fortíssimo surto emigratório para países europeus, sobretudo por parte de jovens de meios rurais e de baixa escolaridade. Guerra e emigração abriram as portas do mercado de trabalho a uma população feminina, mas que necessitava do consentimento do pai ou do marido, o que ilustra a sociedade patriarcal na década da segunda onda do movimento feminista.

Entre 1974 e 2000, os indicadores registraram as maiores mudanças, uma sociedade que se modernizou a nível político, econômico, social e cultural. Adolescentes e jovens nascidos nas duas décadas anteriores viveram a mudança radical que foi a revolução de abril de 1974, e mudanças cumulativas, como a entrada na Comunidade Europeia, a partir de 1986, o que marcou a entrada de fundos comunitários e de investimento estrangeiro, com impactos fortíssimos no consumo e estilo de vida. A Exposição Universal de Lisboa (Expo 98) foi o ponto mais alto de um sentimento nacional de euforia e de modernidade.

Em 2000, dominava o sector terciário, com o turismo e serviços como principais empregadores. Os campos tinham-se despovoado e a indústria começava a sofrer os efeitos do deslocamento. A redução da mortalidade infantil colocou o país numa das melhores posições mundiais, enquanto nasciam menos crianças, muitas das quais fora do casamento. O ensino obrigatório passou para nove anos, adiando a entrada no mercado de trabalho para os 16 anos; o número de estudantes no ensino superior era seis vezes superior ao de 1970, numa notável mobilidade ascensional na área da educação: em 1997, as habilitações escolares dos pais de mais de 40% dos estudantes universitários não iam além da antiga 4ª classe (VIEIRA, 2006).

Esse significativo processo de modernização ocorreu assim em todas as frentes: democratização das estruturas políticas, alterações das estruturas

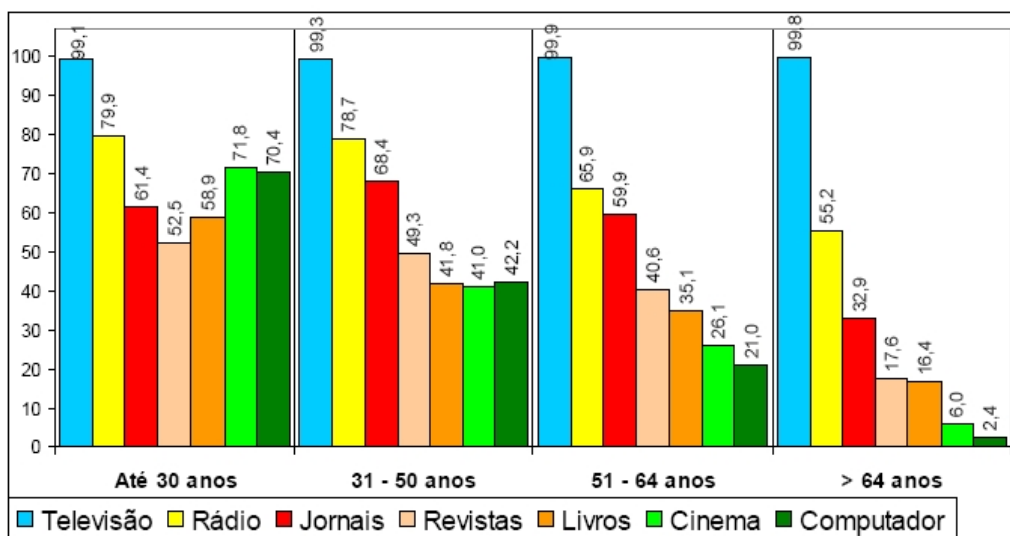
econômicas, escolarização de novas gerações, recomposição socioprofissional marcada pela terceirização e feminização, alteração dos padrões demográficos e de urbanização da população, a que se acrescentou a igualdade de gênero e outros direitos de cidadania. Contudo, o processo de modernização não foi nem linear nem isento de obstáculos e ainda não terminou. O atributo “modernidade inacabada”, cunhado por Machado e Costa (1998), expressa essa incompletude, que se traduz nomeadamente em fragilidades econômicas perenes, elevada desigualdade social na distribuição de rendimentos, baixos índices de letramento e abandono precoce dos estudos.

### **A paisagem midiática e o seu consumo**

A chegada tardia aos padrões de consumo ligados ao lazer, nos anos 1990, expressou-se na cultura de entretenimento. A televisão, que se generalizou nos lares apenas nos finais dos anos 1970, continua a ser escolhida, dos mais novos aos mais velhos, para finalidades informacionais, de entretenimento e de companhia, como se vê no Gráfico 1, que apresenta os resultados nacionais de 2008. Por outro lado, as tecnologias digitais orientadas para o lazer, a comunicação e a informação *à la carte* marcam crianças e jovens, enquanto, nas gerações mais velhas, o acesso e uso desses meios continuam baixos, diminuindo abruptamente com a idade.



GRÁFICO 1  
Utilização dos media por escalão etário (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Além da hegemonia da televisão, destaca-se a importância do rádio entre todas as idades, referido por mais de metade dos inquiridos de cada grupo etário. O decréscimo dos meios impressos contraria a ideia de que se lia mais no passado do que hoje e destaca a importância da aquisição de hábitos de leitura na infância, algo de que as anteriores gerações não puderam dispor. Idas ao cinema e uso do computador são práticas essencialmente associadas aos jovens. Comparativamente com o computador e a Internet, as diferenças etárias no que se refere à posse de celulares não é tão grande, estando acima da metade entre a população mais idosa.

Em 2008, a penetração da Internet na população com mais de 15 anos era de 39% (OBERCOM, 2009). Entre as razões para não usar a Internet, a “falta de interesse ou não sentir necessidade” (40%) e “sentir-se confuso com a tecnologia e não saber como a usar” (26%) estavam entre as principais, constituindo um desafio para as políticas públicas de acesso à Internet no país.

Em 2005, o Plano Tecnológico, peça central da política econômica do governo socialista, tinha sido apresentado como “agenda para a mobilização da sociedade portuguesa”. Uma das suas traduções foi o Projeto Tecnológico da Educação (PTE), com iniciativas de informatização das escolas, formação de professores, incentivo a que adultos regressassem à escola para melhorar as

suas qualificações acadêmicas (programa *Novas Oportunidades*) e facilitação de aquisição de portáteis por estudantes de todos os graus de ensino. Em fins de 2010, mais de um milhão e 800 mil portáteis tinham sido adquiridos ao abrigo desses programas, dos quais 400 mil *Magalhães*<sup>3</sup>, destinados a crianças de 6-11 anos.

A ênfase no potencial das TIC e a sua importância para a educação e o sucesso escolar tiveram um impacto social elevado, confirmando que o computador e a Internet, ao contrário da televisão e de outros meios de comunicação de massa, tendem a ser valorizados pelas famílias como um meio de educação. De fato, grande parte das famílias de baixos recursos econômicos e educacionais quis proporcionar o acesso dos seus filhos a esses recursos modernos, contrastando essa oportunidade com as condições de pobreza das suas próprias infâncias. Essa adesão levou a uma democratização da posse de portáteis entre as crianças e adolescentes (9-16 anos): no inquérito *EU Kids Online* de 2010, dois terços declararam acessar a Internet através do seu portátil, e a adesão era maior nos lares com menos recursos (PONTE, 2012). Nos lares, 67% das crianças e adolescentes declarou também que acessava a Internet a partir do seu quarto, ou de outros locais da casa, mostrando a presença do *wireless*. Por seu lado, 40% dos pais não usavam a Internet e dos que usavam, 28% declaravam fazer um uso reduzido. O fosso digital entre gerações era o segundo mais elevado da Europa, atrás apenas da Turquia. Interessa, por isso, procurar perceber como é a experiência em família com o digital nesses lares.

### **As perguntas, os meios e a metodologia**

Incidindo em famílias com adolescentes e jovens utilizadores de tecnologias em casa, pretendemos averiguar ‘que aberturas e que resistências’ se colocam ao acesso e uso dos meios digitais, ‘que fatores estruturais’ constroem essa abertura à novidade e à mudança tecnológica, e como o acesso e uso das tecnologias ocorrem entre gerações.

Para responder a essas perguntas, recorreremos a entrevistas com famílias, realizadas no âmbito do projeto *Inclusão e Participação Digital*, no final

---

<sup>3</sup> Magalhães são os primeiros computadores portáteis de baixo custo, montados em Portugal. (nota da revisora)

de 2009. Uma amostra de conveniência teoricamente sustentada reuniu histórias de vida e práticas com as mídias por parte de utilizadores e não-utilizadores dos meios digitais, num total de 130 entrevistas com membros de gerações diferentes de 65 famílias.

A identificação de membros das famílias a serem entrevistados ficou a cargo de estudantes de pós-graduação, supervisionados por pesquisadores do projeto, seguindo os critérios da amostra. Foram também esses estudantes que conduziram as entrevistas, num processo de aprendizagem pela pesquisa<sup>4</sup>. O guia das entrevistas focava sobre a história de vida do entrevistado (Origem e caracterização familiar; Mobilidade da família; Ocupação e escolaridade dos membros da família; percurso pessoal e influência familiar; Práticas e vivências pessoais e familiares) e sobre os usos das mídias (História pessoal com as mídias; Usos atuais; Uso do computador e da Internet).

Para esse artigo, foram selecionadas quatro famílias que sempre viveram em Portugal: pais e mães nascidos no início e no final da década de 1960, com filhos adolescentes e jovens, e com computador e Internet em casa. Sem pretensões de representatividade nacional, mas visando a conhecer em profundidade o que as estatísticas não revelam, foram escolhidas pela diversidade das trajetórias dos progenitores e sua aproximação ou distância em relação aos meios digitais. A análise conjuga o ‘tempo histórico’, o ‘tempo da família’ e o ‘tempo individual’.

Foram lidas as duas entrevistas recolhidas em cada família, de modo a articular os olhares de pais e filhos sobre a tecnologia disponível no lar, com foco nos primeiros. Da leitura de cada entrevista, resultou uma sinopse, e a combinação das duas entrevistas (pais e filhos) fez surgir uma síntese, que integra as suas vozes.

### **Práticas com mídias em quatro famílias**

O Quadro I caracteriza a trajetória pessoal e familiar de dois pais e de duas mães de adolescentes e jovens (15-24 anos), indo dos anos de infância e juventude até o presente.

---

<sup>4</sup> Sobre esse processo pedagógico, ver PONTE; SIMÕES, 2012.

**Quadro I: Pais e Mães, os anos de formação e a situação em 2009**

Os Anos de formação – Da infância à juventude													
Nome	Ano em que nasceu	Sexo	Local de origem	Escolaridade do pai	Escolaridade da mãe	Ocupação do pai	Ocupação da mãe	Nº de irmãos	Escolaridade alcançada	Ocupação em 2009	Onde vive	Nº de Filhos	Escolaridade em 2009
António	1968	M	Aldeia	3ª classe	3ª classe	Bombeiro hidráulico	Agricultura	2	6º ano	Gráfico	Cidade média	2	12º ano
Paula	1968	F	Bairro operário	4ª classe	4ª classe	Operário fabril	Modista	2	6º ano	Operária fabril	Grande Lisboa	1	9º ano
Graciete	1962	F	Aldeia	Analfabeto	Analfabeta	Agricultura	Agricultura	5	4ª classe	Empregada doméstica	Grande Lisboa	1	4ª classe
João	1962	M	Bairro operário	Curso industrial	4ª classe	Ferroviário	Auxiliar de enfermagem	7	Curso industrial	Segurança	Grande Lisboa	4	Curso industrial

Fonte: Projeto Inclusão e Participação Digital (Ponte, 2012)

Todos esses pais e mães nasceram na década de 1960, em famílias rurais ou da periferia urbana, em famílias numerosas e nas quais a escolaridade dos filhos permanecia baixa, como a dos pais, porque o trabalho de adolescentes continuavam a importar para a economia familiar, reprodutiva. Embora a bandeira da educação para todos estivesse na ordem do dia depois da mudança política, a perspectiva de mobilidade social estava ausente dessas famílias. Apesar da dinâmica de mudança social, os pais desses pais não esperavam que os seus filhos tivessem um futuro diferente do seu.

No presente, vivem todos em ambientes urbanos, tendo dois migrado do meio rural para a periferia das cidades onde havia trabalho, uma mudança com impacto no seu curso de vida e no dos seus filhos, cujo número se manteve ou reduziu. Nas atividades profissionais, predominam profissões associadas à baixa escolaridade e a uma entrada precoce no mercado de trabalho. Dois entrevistados tinham melhorado recentemente as suas qualificações escolares quando adultos, aproveitando o programa *Novas Oportunidades*.

Em todos os lares, existe pelo menos um computador ligado à Internet. À mercê das políticas de incentivo à posse de portáteis e aos pacotes de acesso à rede que acompanharam a introdução da TV a cabo nos lares, as televisões têm dezenas de canais; em três lares, há computadores portáteis e pode-se acessar a Internet de qualquer parte da casa. Outros meios tecnológicos comuns são os celulares.

A partir das entrevistas, entremos nos seus lares para caracterizarmos o uso e o ambiente tecnológico entre gerações.

### **João e Álvaro**

Nascido num bairro popular de Lisboa, órfão de pai e rejeitado pelo padrasto, João passou a infância e adolescência como interno num colégio estatal, a Casa Pia, onde completou a 4ª classe, seguindo-se o curso técnico de eletricidade, de cinco anos. Com uma diferença de idade em relação aos irmãos, mais velhos e emigrantes, não se recorda de falar com a sua família sobre a escola, nem se lembra do que queria ser quando fosse grande. As brincadeiras em grupo são das poucas memórias positivas desses tempos:

“Nós é que fazíamos os nossos brinquedos. Brincávamos com carrinhos, com rodas e pneus de madeira e andávamos assim, era... Jogávamos bola”.

João não criou hábitos de leitura e cresceu longe das mídias. No colégio, “os livros que a gente tinha eram para todos... nunca fui muito habituado a ler”. Televisão só se via “um pouquinho, desenhos animados”. Também não ouvia rádio. Concluído o curso industrial, teve muitas ocupações (“nas obras, mecânico, operador de máquinas, soldador, estoquista”), antes de entrar para uma empresa de segurança. Separado da mulher, vive com dois filhos, uma filha e um dos seus dois netos; é o patriarca (“ouvem todos o que eu digo, o que eu digo é o que acaba”), posição reconhecida por Álvaro, o filho mais velho. Outro contraste entre o seu tempo e o dos seus filhos reporta ao aparelhamento do lar:

Eu sempre fui um defensor de dar aos meus filhos aquilo que eu nunca tive. Portanto, hoje em dia, na minha casa, há tudo, graças a Deus. Eu posso não ter dinheiro, mas na minha casa, os meus filhos têm tudo. Mesmo *videogames*, computadores, TV a cabo, *playstations*, jogos, têm tudo para que eles não precisem sair de casa e pedir aos outros e ver os outros. Faço questão de quando sai alguma coisa, eles tenham logo.

João tem televisão por satélite, “desde que existe, há uns dez, quinze anos”. Todos os membros da família têm celular e se comunicam muito com ele. O do João tem dois cartões, para poder variar a rede de acordo com o membro da família, e assim poupar nos custos. Com o seu celular, faz vídeos, tira fotografias e passa-as para o computador. Domina as suas especificidades técnicas:

Quem tem um bom celular já não precisa de uma câmera. Eu tenho [um com] três *megapixels*, três vezes um mega *pixel*, faz fotografias de qualidade como uma máquina de três *megapixels* faz. Por isso, eu tenho uma câmera lá em casa, mas não uso.

A televisão é o principal meio para João, tanto para informação como entretenimento. Como pode ter acesso a uma televisão no local de trabalho, vê “todos os tipos de programas, desde os programas de entretenimento aos noticiários, às novelas e filmes”. Outro meio de acesso à informação é o jornal popular, lido no café, “são aqueles a que eu melhor posso chegar, não é?” A televisão está onipresente na sua vida: “Mesmo quando estou em casa, estou vendo televisão. Ou estou vendo televisão ou dormindo ou cuidando do meu

neto e do meu filho”. Num lar cheio de gente e de bens tecnológicos, sons e imagens televisivas ao fundo, João parece fugir do vazio, da falta de pertences e da solidão pessoal que marcou a sua infância. Ao contrário dos seus filhos, a filha não tem portátil (“ela não precisa comprar, usa o meu quando precisa”, diz o pai).

Álvaro, de 24 anos, separado e com um filho, trabalha na mesma empresa de segurança do pai e estudou até ao 10º ano. Declara que faz “tudo pela Internet - jogar, falar com os amigos, ouvir música, fazer *downloads*, ver notícias...” - por ser um meio “mais eficaz, mais rápido e melhor” do que a televisão. Sublinha a velocidade de processamento, sem referência à análise nem à avaliação da informação processada. Não gosta de ler ([em criança] “lia o que tinha que ler na escola e mais nada”); só lê jornais e revistas de esportes; ouve música no rádio e vê ocasionalmente televisão, se estiver passando algo que o interesse. Tem três celulares, um para cada rede, mas só os usa para fazer telefonemas e mandar mensagens. Para fotografias, utiliza a máquina fotográfica.

Além de armazenar fotografias no computador, João usa a Internet no quarto (“porque onde a gente está mais é nos quartos”), para pesquisas sobre esportes, sugerindo que o espaço privado é mais vivido do que os espaços comuns da sua casa. Aprendeu a usar a Internet vendo os outros usarem, pergunta aos estudantes da residência onde trabalha e ao filho mais novo (“é muito esperto na Internet, tem 13 anos e parece um adulto”). Também joga *playstation* com os dois filhos. Apesar de ter irmãos espalhados pelo mundo, não aproveita a Internet para falar com eles. Entre o que aprendeu com os filhos, João destaca os ensinamentos técnicos do mais novo, que o faz crescer aos seus olhos. Por sua vez, Álvaro considera que aprendeu junto da família “a educação e o bem-estar”.

Ainda que seja um lar rico em meios digitais e com infraestrutura de acesso assegurado, não transparece uma diversidade de usos e de relações. A comunicação familiar em torno da tecnologia aparece marcada pelo gênero e pelos meios interativos: é o masculino que joga *playstation* e que tem computador pessoal. Nessas duas entrevistas, pai e filho partilham o interesse pelo futebol, a única informação que ativamente procuram, da imprensa ao

digital, mas divergem nos usos do celular e da televisão. Uma estreiteza de capital cultural e comunicacional afeta o modo como tiram partido dos recursos de que dispõem.

### **Graciete e Bruno**

Da aldeia “pequenina”, aonde ela e o marido fizeram mais tarde “uma casinha”, Graciete recorda da infância a falta de recursos para continuar a estudar: “Todos nós tivemos de trabalhar desde muito novos, os irmãos mais velhos para ajudarem a criar os irmãos mais novos. Só o meu irmão mais novo é que fez até o 9º ano”. Brincadeiras? “Fazíamos umas bonequinhas de pano e brincávamos uns com os outros. E pronto...” Ao final do dia, “acendíamos a lareira, sentávamo-nos todos ali à volta e depois... sei lá, íamo-nos deitar...”.

Sobre a televisão, recorda: “Era uma coisa diferente! Mas o que é isto? Tanta gente lá dentro. Como é que estão lá dentro?...” Foi um meio de comunicação que demorou a chegar à sua casa; chegou quando se iniciavam as emissões televisivas a cores, e os aparelhos preto e branco se tornavam obsoletos: “Já havia muitos na aldeia quando nós conseguimos uma televisão lá para casa, eu tinha aí uns 17, 18 anos... Foi um momento bonito. Uma televisão preto e branco.”

Tendo vindo para a cidade quando casou, Graciete tornou-se empregada doméstica e, há 19 anos, se desdobra trabalhando em três casas. “É um trabalho como outro qualquer, um pouco mais cansativo, mas faz-se”. Orgulha-se da confiança que merece de suas “três patroas”. Lamenta não ter podido ter estudado mais, mas nunca considerou essa ideia. Apesar de tudo, afirma com orgulho que o seu trabalho “deu para dar um curso a um filho”. A opção por terem tido apenas um filho foi essa: “dar a ele o que a gente não conseguiu ter”.

Por isso Bruno, 22 anos, licenciado em Jornalismo, estagiário num jornal digital e trabalhando meio período num supermercado, cresceu rodeado de livros. “Lia muito, muito. Os livros de *Uma Aventura*, acho que tenho a coleção praticamente toda. Lia também todas aquelas coleções juvenis”, recorda. Ávido por informação, leitura, cinema, produtor e consumidor de conteúdos digitais, de notícias a blogues, destaca o esforço que os pais fizeram para que o seu



filho tivesse uma vida melhor do que a deles. A tecnologia que entrava no lar ia, sobretudo, para ele. “O Bruno teve *videogames*, teve mp3, teve... é assim, nós tentávamos dar-lhe tudo aquilo que ele pedia. Foi sempre tendo acesso a essas coisas. Às vezes não tão caras, mas foi tendo... foi tendo sempre tudo”, aprecia Graciete.

O computador chegou quando o filho estava no 9º ano da escola, para os trabalhos escolares, e a Internet chegou mais tarde. Bruno recorda as resistências familiares:

os meus pais estavam bastante céticos em colocar Internet. Ouviam muita coisa... a pedofilia, e também não tinham muito conhecimento sobre proteção dos indivíduos, e então ‘ah não sei quê, estragas o computador e depois como é que é...’

Por causa do investimento nos bens para o filho, nesse lar, os recursos tecnológicos comuns são escassos: não há aparelhos de vídeo nem de DVD. A primeira pessoa a ter celular em casa foi o pai, Bruno teve o primeiro no final da sua quarta classe, a mãe tem há menos tempo, “ela geralmente ficava com os nossos celulares mais velhotes, coitada. Agora é que a gente lhe comprou um assim mais recente”. Bruno utiliza o seu 3G com intensidade, para ouvir música, como gravador na sua atividade de jornalista, para trocar SMS, descarregar músicas, fazer *downloads* e acessar ao correio eletrónico. Graciete usa o novo celular como usava os anteriores: “É assim, ele dá para muita coisa, mas é só pra atender e pra chamar. Nem mensagens nem nada”.

Graciete também nunca mexeu no computador do filho, justificando-se com sua falta de preparação escolar: “Não, não, nunca me interessei por isso. No meu caso, como não tenho estudo, não ia me adiantar”. Considera a Internet um meio de comunicação muito bom, permite falar com muitas pessoas, como os familiares emigrados, quando o filho faz a ligação. “O meu trabalho... não é preciso o computador. O meu marido na fábrica tem de mexer no computador, mas muito pouco”. Em casa, o marido usa a Internet para ver o saldo e o consumo do gás, além de jogar cartas no computador.

Bruno é, assim, rei e senhor do único computador da casa:

Quando o meu pai quer jogar copas e sueca, lá tem o computador um pouco para ele, mas o material é todo meu. Tanto que [o computador] tem uma *password* para proteger as coisas todas. Na prática, sabem que o computador é meu, apesar de terem-no pago e também ainda pagarem as mensalidades da Internet.

Além de todos os recursos que usa relacionados com comunicação, produção e armazenamento de informação, o computador permite-lhe ainda assistir filmes, superando a falta de um aparelho de DVD. Mas declara já estar “chateando o meu pai, porque para trazer os amigos aqui em casa, acho que faz um pouquinho de falta...”

A televisão e as revistas oferecidas pelas patroas são os meios que Graciete usa para se informar e se entreter. Não lia em criança, porque não havia livros na aldeia. Hoje, gosta de ler as “revistas que falam de novelas e dos atores” e orgulha-se do ter na sua casa “quase o que toda a gente tem”: uma aparelhagem, uma televisão com mais de quarenta canais, o computador do filho. Só foi uma vez na vida ao cinema, tem o ritual da televisão: “Às oito a pessoa já tem jantado, já tem a cozinha arrumada; gosto de me sentar no sofá a ver um pouquinho de televisão. O telejornal, depois uma novela e... não podemos deitar muito tarde...”, prolongando os ritmos temporais da vida no campo. A informação televisiva satisfaz a sua necessidade de conhecimento e sentido de integração social: “A gente, se estiver a par do telejornal, sabemos tudo. Sem dúvida nenhuma, não é? A pessoa que assiste aos telejornais sabe o que se passa em todo o lado”.

Graciete é a mulher lutadora, que mudou o destino vindo para a cidade, grande e desconhecida, com uma determinação e um projeto de vida, dar a um filho o que não teve. Mas a aldeia não saiu de dentro dela. A baixa escolaridade pesa-lhe na identidade. Preza as relações de confiança, tanto com as patroas, como com a informação televisiva. Exclui-se da inovação tecnológica, de que desconfia. A sua profissão de diarista, que não exige manuseio de meios informáticos, aumenta esse sentido de diferença. Posiciona-se em baixo na ordem social, a sua casa é “quase” como as das patroas. Reflete uma ambivalência entre a força individual e o conformismo social. Por seu lado, Bruno encarna a nova geração de jovens licenciados, vindos de famílias com pouca escolaridade, a geração de jovens mais bem preparada da história do país, com letramento em mídias. Em casa, o seu lugar parece ser o do ‘porteiro do digital’, cedendo episodicamente o computador ao pai, fazendo uma ligação telefônica digital para a mãe se comunicar com a

família distante. Assegura uma inclusão digital mínima dos seus pais, numa resposta a quem lhe garantiu esse acesso.

### **António e Luís**

António contrasta a sua infância com as dos dois filhos:

Não havia bonecos, não havia *Playstation*, não havia televisão, nem eletricidade tinha. Brincava com o meu irmão no quintal, lá com umas pedrinhas... Eram os carrinhos!... Portanto as pedras maiores eram os caminhões, e as pedras menores eram os carrinhos; e fazíamos assim uma estradinha e brincávamos assim.

As boas memórias são associadas aos tempos de escola, ao cheiro dos livros e dos materiais. Era bom aluno, mas deixou a escola no final do 6º ano:

Na altura, era muito complicado, os meus pais não podiam, financeiramente não tinham condições para me deixarem continuar a estudar; eu comecei a trabalhar com 13 anos!... A minha irmã mais velha já tinha começado a trabalhar no final da 4ª classe.

Já casado, António conseguiu terminar o 12º ano em 2008, no Programa *Novas Oportunidades*, e gostaria de tirar um curso superior por causa do reconhecimento social que lhe traria. Em criança, sonhava em ser professor, mas seu caminho profissional esteve na empresa gráfica, onde entrou aos 13 anos como moço de recados. Foi por essa ocupação que levou o primeiro computador para casa, para autoformação nos novos programas informáticos de desenho e paginação. A imagem do pai ao computador faz parte da memória de infância de Luís, o filho de 16 anos: “O primeiro a trazer o computador foi o meu pai. Para ele, era para trabalho. Nós costumávamos usar como meio de entretenimento e... (silêncio) e mais para nos divertirmos, mas ele foi mesmo para trabalho”. Com planos de tirar um curso superior de Economia, Luís acha que o mais importante que aprendeu com a sua família foi “a força de vontade em tudo o que faço. Não desistir até conseguir”.

Na casa de António, não havia livros. O primeiro que leu, quando adolescente, foi *O Diário de Anne Frank*, requisitado à biblioteca itinerante. Demorou um mês a ler, pois chegava em casa arrasado dos quilômetros percorridos carregado de embrulhos. A família era austera também nos sentimentos (“eu nunca tive um colo...”). Um bom momento de que António se

recorda foi a chegada da televisão à sua casa, também em fins dos anos 1970, quando os aparelhos obsoletos, preto e branco, baixaram de preço:

Quando compramos a primeira televisão, ainda era preto e branco, o que eu vi na televisão na minha casa foi um jogo de futebol, e eu, que detesto futebol, sentei-me no meio do chão lá da sala olhando para a televisão (não era para o jogo de futebol, era a televisão), porque aquilo era uma coisa... Ter uma televisão em casa!...

A televisão continua a ser o meio de comunicação preferido de António, tanto para informação como para entretenimento:

Eu costumo ver os jornais on-line, porque estou todo o dia ligado à Internet no trabalho. Mas as notícias na televisão cativam-me mais. A gente senta-se ali um pouco, vê o noticiário, vê as imagens, aquilo é mais real, e eu consigo... gosto mais de ver um jornal do que de ler um jornal.

Além do portátil recente, mais usado pelos filhos, há um computador fixo, numa “sala de estudo”. Para António, o computador é para trabalhar. “Hum, os meninos é que usam mais”. A Internet também serve para controlar o filho mais novo nas férias: “com o *skype*, sei a que horas ele acorda, porque aparece a luzinha verde quando se conecta, e consigo falar com ele, se está tudo bem. Ou seja, é mais para essa relação, de lá (trabalho) para cá (casa)”.

As coleções de livros de aventuras fazem parte das estantes dos filhos, mas Luís recorda, sobretudo, os “objetos com tela”: “Quando era criança passava muito tempo jogando jogos de vídeo, *Playstation*, vendo televisão... Agora é mais o *skate*, o computador é para falar com os amigos no *Messenger*, estabelecer conexões”. Na televisão, vê filmes sobre esportes radicais. Tal como o pai, tem uma relação mais fácil com as telas do que com a leitura em papel. O discurso repete-se: “Computador e televisão são os meios que me atraem mais, dão-me... não sei, têm mais interatividade, não me atrai muito ler um jornal”. Embora aparelhado com tecnologia digital, esse lar subordina-a a práticas instrumentais e de contato, com pouca vivência de criação de conteúdos. António usa o celular para se ligar ao seu núcleo: “quando chego em casa às seis, desligo, porque já estou com a família e já não preciso”. Também para Luís, chega-lhe um celular “que dê para mandar mensagens e para ligar aos meus amigos...”

A atividade profissional de António alavancou a aprendizagem digital e há mais coisas no mundo além das mídias, para Luís. Os meios digitais subordinam-se a finalidades de informação, de contato e de comunicação entre os membros, transparecendo um sentido de agregado familiar, no qual os meios desempenham uma função, sobretudo, instrumental. Uma trajetória de mobilidade ascensional terá contribuído para essa experiência. António cortou com a ruralidade e com um destino marcado pela entrada precoce no mundo do trabalho. Teve ambições de progredir e, hoje, tem uma ocupação especializada. Faz questão de se diferenciar do que recebeu dos pais e de proporcionar aos filhos o exemplo, a afetividade e o interesse, além das condições materiais e de estudo que não teve. Um difícil acesso à leitura quando novo e a sua profissão moldaram-lhe a sua relação visual com a informação e o texto escrito. É na televisão que satisfaz a sua necessidade de notícias e de entretenimento. Luís e o irmão tiveram acesso a livros e a telas. Se a âncora do livro parece não se ter fixado, Luís não vive entre telas: a Internet é o espaço instrumental para se comunicar com os amigos e para procurar informação especializada sobre a sua paixão, o *skate*. A sua adolescência rola sem maiores problemas nem conflitos geracionais. A continuação dos estudos superiores surge com naturalidade, como se sempre tivesse feito parte da vida.

### **Paula e Mônica**

Paula deixou de estudar aos 13 anos: “Naquela altura... aquelas ideias que a gente tem de começar a ganhar... e como não tinha sucesso escolar, pronto, então não vale a pena estudar mais”. Quando criança, sonhava ser comissária de bordo, depois cabeleireira ou ter uma loja. Foi empregada de balcão (lãs, armarinho, sapataria), hoje trabalha numa fábrica. O rádio e a televisão fazem parte das suas memórias de infância: “Aos quatro anos, gostava muito de ouvir ópera, num rádio pequenino. Depois passou”. Lembra-se de, aos domingos à tarde, se sentar “debaixo da mesa da sala de jantar e ver o Speedy Gonzalez e o Mickey Mouse”. O telejornal nunca a interessou, mas recorda a rotina familiar organizada em torno dele: “*tinha que ver!*” Lembra-se do primeiro toca-discos, de mala, e do seguinte, com colunas. “Depois, à medida que os anos foram

passando, fomos evoluindo também. Tivemos uma aparelhagem que tinha toca-discos e toca-fitas, televisão a cores...”.

Paula comenta o paradoxo entre a ânsia da posse dos novos meios e o seu baixo uso, com ironia:

Com todos os aparelhos que há na minha casa, é muito engraçado: quando aparecem, “eu queria, eu gostaria, epa, a gente há-de comprar”. Compramos, passado uns meses, um ano, quando há oportunidade. Aquele primeiro mês, a gente filma tudo, grava tudo, ouve tudo, é tudo. Depois, a máquina fica largada. E depois vai-se de férias, vem-se de férias e não se filma nada; Chega o Ano Novo “Ih, passou o Ano Novo, nem tiramos uma fotografia...”. A gente tem! Mas não usamos.

Em criança, Paula lia apenas *comics*. Hoje, a televisão continua o meio preferido. A televisão que mais usa é a da cozinha, “aos domingos à tarde, corro todos os canais à procura de programas em português. Porque vou passando [a roupa a ferro] e vou ouvindo. Vou captando as coisas, à medida que vou fazendo as coisas”. Gostava de usar mais o computador que está instalado há uns sete anos no quarto da filha, mas tem de enfrentar a sua resistência. “Ô, Mônica, posso ir aí?”, “Ô, mãe, agora não!”, “Ô, Mônica, deixa eu ir!”, “Ô, mãe, para quê? Para jogar cartas?”. Paula ainda se sente menos à vontade no portátil recentemente adquirido e no qual os programas são diferentes, “depois de muito tempo abrindo e fechando janelas, acabo desistindo. E quando as pessoas deixam de fazer, acabam também perdendo o gosto”. O marido usa pouco a Internet, ela, “só para fazer pagamentos, vou sempre ao site do banco, é uma chatice”. No curso profissional que frequentou,

davam uma luz, mas aquilo era tudo em *PowerPoint*, e foi aí que eu disse: ‘Epa, não, eu tenho de me desenrascar, tenho que fazer’. Ia abrindo, ia fechando, ia abrindo, ia fechando e fui descobrindo, pronto, e com a ajuda do meu marido. Gostaria de fazer outros pagamentos e usaria mais se tivesse e-mail.

Mônica, de 15 anos, não tem paciência para ensinar a mãe, resolvendo rapidamente qualquer problema técnico (“mas assim eu não aprendo”, queixa-se Paula). Repetindo o 9º ano, Mônica não tem ainda ideia sobre o curso que vai seguir, nem se irá para a universidade; vive o presente sem planos para o futuro. Como não gosta de ler, na televisão prefere as novelas, filmes sem legendas (que “não sejam assim muito culturais”), reportagens (“deixo-me levar, e ver o que aquilo vai dar...”). Para saber notícias, usa a Internet, mas

parece não distinguir conteúdos jornalísticos de outros conteúdos: “se escrevermos no teclado e aparecer no computador aquilo que queremos, é mais interessante”. A sua capacidade de lidar com esses meios parece não contemplar nem análise nem avaliação de conteúdos. O computador em casa serve para ouvir música, ficar no MSN e, às vezes, para trabalhos escolares. Diferente do uso na escola, que “é muito mais cultural”. Aprendeu a usar a Internet com a tia e com o pai, num ambiente de aprendizagem tecnológica informal, por tentativa e erro: “como também era pequena, fomos pesquisando, fomos aprendendo e pronto”.

Nessa relação familiar, o computador e a Internet são marcados pela distância geracional e pelo poder da personagem mais nova, assim como a relação com o celular, também caracterizada pela diferença. O celular de Paula “é do mais pobrezinho, tira assim umas fotografias bem reles. Mas desde que chame, e eu receba, está perfeito”. Mônica tem um mais moderno, mas usa “principalmente para ouvir música e mandar mensagens”.

Com acesso ao rádio e à televisão desde criança, em casa, Paula não manteve o prazer de ouvir ópera, que tinha em criança e que deu lugar a músicas ligeiras. Ficou-lhe o gosto pelo formato animação e por conteúdos de acesso fácil e em português. A televisão continua a ser a sua dieta midiática, marcada por espaços de privacidade (a cozinha), falta de poder (a posse do controle remoto nas mãos do marido, o domínio do computador pela filha) e pela temporalidade da conjugação com a atividade doméstica. Quer ser moderna e usar a tecnologia, tem curiosidade, mas não sabe como. Está numa posição de dependência em relação à filha adolescente, numa inversão de posições geracionais. Parece ter-lhe transmitido a tradição familiar de não ter muita exigência na sua educação escolar. Mônica distingue recorrentemente os conteúdos culturais elaborados dos que não exigem esforço, na televisão ou no computador. Os primeiros ficam de fora do seu ambiente doméstico, perpetua o *habitus* familiar. O acesso à Internet existe nessa casa, mas as suas oportunidades são escassamente aproveitadas. Uma falta de letramento digital encobre esse potencial.

### **Considerações finais: confluência e diferenciação**

Nesses quatro lares, com distintas dinâmicas geracionais, vemos o peso dos fatores estruturais, como a escassez de recursos que marca a geração dos progenitores. As brincadeiras nas suas infâncias eram atos de produção, o consumo e o brinquedo industrial estão ausentes dessas memórias. Predominam o ‘fazer os brinquedos, a baixa valorização familiar dos estudos, a pobreza e as dificuldades econômicas’. Hoje, isso traduz-se no desejo de ‘dar aos filhos o que não se teve’. A semântica geracional do passado continua no presente.

Enquanto nas cidades, a televisão ia entrando nos lares, os pais e mães que cresceram em aldeias sem eletricidade recordam a novidade desse meio, quando os obsoletos aparelhos em preto e branco baixaram de preço pela chegada da televisão a cores, em fins dos anos 1970. Havia o sucesso das novelas brasileiras (a primeira foi *Gabriela*, em 1976), concursos populares e programas infantis divertidos, mas as memórias prendem-se ao momento da entrada do aparelho em casa, resultado de uma vitória da família sobre a escassez do seu orçamento, um ponto de mudança na sua economia moral. A força dessa memória, uma ‘apropriação’ tardia e conquistada e uma relação afetiva, de confiança, com esse meio fazem com que, hoje, ele continue a ser, de longe, o meio preferido da geração que tem memória do quanto aspirou por ela. Com as suas diferenças, os quatro pais e mães partilham-na para realização do seu ‘desejo de informação’ e de entretenimento.

As questões de gênero evidenciam traços comuns: entre as mulheres em idade adulta, apesar das suas diferenças, é comum uma menor acessibilidade à tecnologia. Para esta autoexclusão contribuem vários fatores: não dispõem de capital tecnológico; partilham uma ética da temporalidade (“não perder tempo”) que faz com que a televisão entre dentro da rotina de vida doméstica com mais facilidade do que o computador; preferem conteúdos e fácil reconhecimento, como os programas falados em português ou realizar atos com sentido prático imediato, como o uso básico do telefone para falar com a família distante. Estão longe de viver o ambiente *polimedia* que caracteriza os mais novos, apesar de os seus lares estarem razoavelmente aparelhados; em família, não experimentam os desafios que se colocam a



outras mulheres no exercício à distância da maternidade, que as fazem aproximar-se dos meios de comunicação, como no estudo sobre as mães imigrantes filipinas, que monitorizam os seus filhos à distância por via dos meios tecnológicos (MADIANOU; MILLER, 2012).

Entre os mais novos, a televisão continua presente como recurso, sempre viveram com ela em casa, mas ela empalidece perante a Internet, mais veloz, mais imediata, mais interativa. Contudo, ao contrário do que poderia sugerir a generalização da etiqueta de “geração digital”, aparecem diferenças no uso dos meios por parte desses quatro adolescentes e jovens no que se refere à procura de informação e à posição relativa que os meios digitais ocupam nas suas vidas. A “escada de oportunidades” nos usos da Internet (LIVINGSTONE; HELSPER, 2007) exige recursos, como o domínio de línguas estrangeiras e um letramento informacional que não brota do contato com as teclas. Sem um ambiente que favoreça uma educação em todas as frentes, entre elas a midiática, a experiência digital da casa desliga-se da aprendizagem digital na escola.

A educação é uma questão estrutural na sociedade portuguesa. Vimos como, apesar da mudança social que se seguiu à revolução de 1974, ela tardou a ser incorporada na economia moral das famílias de meios desfavorecidos. Dinâmicas recentes, associadas no que se refere a qualificações, como o incentivo a voltar à escola e melhorar as qualificações académicas ao abrigo do programa *Novas Oportunidades*, tiveram uma resposta positiva junto a adultos que tinham abandonado precocemente a escola, quer por falta de condições familiares, quer pela baixa consideração sobre o seu potencial para a mobilidade social e oportunidades profissionais. A abertura ao digital na sociedade portuguesa, com a ‘consciência tecnológica’ que gerou, associando-a a modernidade e progresso, sustentou a vontade de posse por parte das famílias, quase sempre pensando na geração dos filhos. O acesso democratizou-se nos lares onde há crianças, adolescentes e jovens, os que lideram no uso da Internet. O país modernizou-se nos seus indicadores estatísticos, tanto em matéria de educação como na posse de meios digitais.

No momento em que escrevemos este artigo, as políticas de investimento no acesso ao digital e na educação para adultos foram suspensas

por uma nova orientação governativa. Uma grave crise econômica, social e de confiança atinge as famílias de classe média e média baixa, a emigração de jovens qualificados e de adultos menos qualificados dispara. O consumo das tecnologias sofre restrições decorrentes do seu custo, embora existam infraestruturas públicas de acesso gratuito, e os lares estejam aparelhados. Esse tempo histórico é importante e coloca novos desafios. Saber como a situação presente afeta as 'disposições tecnológicas' e 'se' e 'como' as famílias tiram novos partidos dos meios digitais no presente contexto é o desafio que se coloca à investigação.

## Bibliografia

ALMEIDA, João Ferreira de. Sociedade e Valores. In. PINTO, A. C. *Portugal contemporâneo*. Madrid: Sequitor, 2000. p.160-179.

AROLDI, Piermarco. Generational belonging between media audiences and ICT users. In. COLOMBO, Fausto; FORTUNATI, Leopoldina. *Broadband society and generational changes*. New York: Peter Lang, 2011. p.51-66.

\_\_\_\_\_; PONTE, Cristina. Adolescents' media consumption in the 1960's and 1970's: an Italian-Portuguese comparison between two generations of audiences. In. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, v.6, n.2, article 3, 2012. Disponível em <<http://www.cyberpsychology.eu/view.php?cisloclanku=2012081004&article=3>>. Acesso em 1 de Outubro de 2012.

BERTAUX, Daniel; Paul Thompson. *Between generations: family models, myths and memories*. London: Transaction Books, 1993.

CORSTEN, Michael. Biographical revisions and the coherence of a generation. In. MAYALL, B.; ZEIHNER, H. *Childhood in generational perspective*. Londres: Institute of Education, 2003. p.46-69.

DIJK, Jan van. Digital divide research, achievements and shortcomings. In. *Poetics*, n.34, p.221-235, 2006.

ERC. *Estudo de Recepção dos Meios de Comunicação Social*. Lisboa: Entidade Reguladora para a Comunicação Social, 2008.

HALLORAN, James. Mass Communication Research Methods: Asking the Right Questions. *Mass Communication Research Methods*. A. Hansen, S. Cottle, R. Negrine and C. Newbold. London: Palgrave, 1998. p. 9-34

HOCKEY, Jenny; ALLISON, James. *Social identities across the life course*. London: Palgrave, 2003.

HOOVER, Stuart; CLARK, Lynn Shonfield; ALTERS, Diane. *Media, home and family*. New York: Routledge, 2004.

LIVINGSTONE, Sonia. *Young people and new media*. London: Sage, 2002.

\_\_\_\_\_. Media literacy and the challenge of new information and communication. In. *Communication Review*, n.7, p.3-14, 2004.

\_\_\_\_\_. *Children and the Internet*. Cambridge: Polity, 2009.

\_\_\_\_\_; HELSPER, Ellen. Gradations in digital inclusion: children, young people and the digital divide. In. *New Media & Society*, n.9, p.671-696, 2007.

MACHADO, Fernando Luís; COSTA, António Firmino da. Processos de uma Modernidade Inacabada. In. VIEGAS, José Leite; COSTA, António Firmino *Portugal: que modernidade?*. Oeiras: Celta, 1998. p.17-44.

MADIANOU, Mirca; MILLER, Daniel. *Migration and new media*. Transnational families and polymedia. London: Routledge, 2012.

MANNHEIM, Karl. The problem of generation. In. \_\_\_\_\_. *Essays on the Sociology of Knowledge*. London: Routledge and Kegan, 1957. [1927]

MCLEOD, Julie; THOMSON, Rachel. *Researching social change*. London: Sage, 2009.

OBERCOM. A sociedade em rede em Portugal. 2009. Disponível em <<http://www.obercom.pt/content/640.np3>>. Acesso em 15 de Junho de 2012.

PONTE, Cristina. Acessos, usos e competências. Resultados nacionais do inquérito EU Kids Online. In. \_\_\_\_\_ *et al. Crianças e Internet em Portugal*. Coimbra: Minerva, 2012. p.21-40.

\_\_\_\_\_; SIMÕES, José Alberto. Training graduate students as young researchers to study families' use of media. In. *Comunicar. Revista Científica Iberoamericana de Comunicación y Educación*. n.38, p.103-112, 2012. (disponível também em língua espanhola).

RANTANEN, Terhi. *The media and globalization*. London: Sage, 2005.

ROJAS, Viviane *et al.* Comunidades, capital cultural e inclusão digital: acompanhando as tendências tecnológicas numa década. In. *Media & Jornalismo*, n.19, p.15-38, 2011.

ROSAS, Fernando. *O Estado Novo*. História de Portugal. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1994. v.VII.

SELWYN, Neil. Apart from technology: understanding people's non-use of information and communication technologies in everyday life. In. *Technology in Society*, n.25, p. 99-116, 2003.

SILVERSTONE, Roger. *Consuming technologies: media and information in domestic spaces*. London: Routledge, 1992.

VIEIRA, Maria Manuel. Olhares sobre a escola portuguesa. In. ALMEIDA, Ana Nunes de; VIEIRA, Maria Manuel. *A escola em Portugal*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2006.

WARSCHAUER, Mark. *Technology and social inclusion*. Rethinking the digital divide. Cambridge; MA: The MIT Press, 2003.